

RESUMO EXPANDIDO

O MITO DO ECOMUSEU:
MUSEU SOCIAL, MUSEU COMUNITÁRIO OU MUSEU INTEGRAL?

(Modalidade de trabalho: Apresentação oral)

A constituição dos primeiros museus franceses, em sua maioria originários de coleções privadas, foi marcada pela disseminação do valor estético como definidor do patrimônio preservado, notadamente em razão da influência e autoridade dos *marchands* de arte e colecionadores, primeiros agentes a se manifestarem pela salvaguarda das *chefs-d'œuvre*¹ do patrimônio francês. É somente na primeira metade do século XX, com a importância adquirida pelos museus etnográficos, e na segunda metade deste mesmo século, com a disseminação dos museus regionais na França, que passa a ser usado o termo “museus de sociedade” para denominar as instituições que não estavam voltadas unicamente para o valor artístico das obras que preservavam. Estes museus não podiam ser classificados como museus de arte, e apresentavam um foco ‘social’ no que diz respeito ao valor simbólico investido nos objetos. Nestas instituições, não são os objetos musealizados que desempenham o papel principal, mas a transmissão de relações complexas e do saber moderno por meio de mídias populares. Segundo Lévi-Strauss, a tarefa do museu de sociedade é a de fazer com que as pessoas aprendam “como melhor se situar na sociedade em que vivem”².

Tomando esta ideia como princípio de base, a partir dos anos 1960 e 1970 começam a aparecer, no contexto museal francês, mais e mais museus comprometidos com a vida das sociedades, no campo ou em pequenas cidades industriais, distante do cenário efervescente dos museus de arte parisienses. Primeiro, foram os parques regionais nacionais e os museus de território nas províncias que ocuparam a cena dessa museologia voltada para o ‘social’. Mas é com o aparecimento dos primeiros ecomuseus, que a noção de um tipo único de museu de sociedade ou ‘museu social’ iria ter ressonância por todo o mundo, e entre os principais profissionais do campo museológico.

Em sua origem, o ecomuseu, objeto de análise desta pesquisa, representou a utopia da democratização da memória, por meio de um mecanismo museológico inclusivo que tinha por objetivo principal o de dar a palavra àqueles que apenas raramente partilhavam da cena da História³. Este museu de vanguarda, nos anos 1970 e 1980, se voltava para aquelas que haviam sido consideradas até então as ‘culturas dos Outros’, culturas silenciadas e deixadas à margem de qualquer tipo de musealização. As novas ideias que sustentavam o modelo do ecomuseu provinham, por um lado, da insatisfação de alguns pensadores franceses em relação à museologia tradicional, que começaram a colocar em prática museus com uma finalidade descentralizadora, e, por outro, da influência de certas experiências de museus inórtodoxos ou de ‘vanguarda’ na França, bem como em outros países.

1 O conceito começa a ser usado para justificar a preservação de obras do patrimônio francês em vias de serem destruídas a partir do final do século XVIII, particularmente por artistas, sobretudo os escultores. FIORI, Ruth. **Paris déplacé**. Du XVIII siècle à nos jours. Paris : Parigramme / Compagnie Parisienne du Livre, 2011. p.136.

2 LÉVI-STRAUSS in CHIVA (1992 apud GORGUS, 2003).

3 CHAUMIER, Serge. Écomusées: entre culture populaire et culture savante. **POUR**. Dossier Mémoires partagées, mémoires vivante, n.181, mar. 2004. p.65.

No caso do ecomuseu do *Creusot Montceau-les-Mines*, primeiro ‘ecomuseu’ a levar este nome oficialmente, tratou-se de um caso experimental em que se buscou conciliar a arte e a sociedade em uma só linguagem transgressora que tinha como suporte o patrimônio industrial local. O que pretendia Marcel Évrard, seu principal idealizador, era fazer um museu participativo e democrático, aberto a diversas visões e englobando a sociedade como um todo. O objetivo desta pesquisa é o de identificar, na origem dos ecomuseus na França, alguns dos ‘mitos fundadores’ dessas instituições, que se mantêm, atualmente, na base da ideia de ‘museu social’ que se espalhou pelo mundo, e questionar a sustentação desses *mitos* pelos ecomuseus atuais. Para isso nos voltaremos para história dos ecomuseus franceses, e para a realidade destes museus hoje, considerando como eles são percebidos pelo público e a partir de que projetos museológicos eles são criados. Assim, a partir da investigação realizada podemos apontar quatro mitos centrais, definidores da existência dos ecomuseus no presente, e passíveis de serem relativizados se nos debruçamos sobre a sua história. São eles:

(1) *O mito da institucionalização*, segundo o qual os ecomuseus são a realidade e não uma representação institucionalizada do real. A ideia de institucionalização, geralmente, não é associada aos ecomuseus, e nos esquecemos de que a maior parte da história de alguns deles, como foi o caso do Creusot, se definiu pela luta para que se institucionalizassem e fossem reconhecidos entre os museus públicos franceses;

(2) *O mito do público*, segundo o qual “o ecomuseu não tem *visitantes*, ele tem *atores*”⁴, como definido por Hugues de Varine, ainda na década de 1970. Em uma microanálise desses museus, todavia, vê-se que o trabalho da comunidade está geralmente direcionado para o exterior do grupo, ainda que se volte também para os próprios membros;

(3) *O mito da participação*, definidor do modelo de uma *museologia participativa* que pouco reflete sobre quem são, na prática, os agentes envolvidos nas ações do museu, e que acredita na possibilidade de uma participação ‘*da base*’⁵, que inclua todos os membros;

(4) *O mito da democratização*, que instaura o modelo comunitário como um modelo essencialmente democrático, mas que deixa de se perguntar ‘quem é a comunidade?’ e ‘em nome de que interesses ela atua?’.

Partindo destes pontos focais para se pensar analiticamente os ecomuseus, pretendemos, finalmente, nos voltar para a noção de ‘museu integral’, formulada inicialmente em 1970, na Mesa Redonda de Santiago do Chile, para pensar o que estava sendo prescrito de fato para estes museus sociais no contexto em que foram criados, e até que ponto eles se transformaram e se adequaram às diversas realidades sociais em que estão inseridos no mundo contemporâneo.

A pesquisa para o presente artigo contou com o trabalho de campo no ecomuseu do Creusot-Montceau, entre os anos de 2011 e 2012, e com a pesquisa histórica nos arquivos do Ecomuseu, além da visita e investigação de outros ‘museus sociais’ e ecomuseus na França. Este artigo é resultado de uma pesquisa de doutorado realizada graças ao Programa de Doutorado Sanduiche no Exterior (PDSE), da Capes, sendo parte da tese “*Máscaras guardadas: musealização e descolonização*”, desenvolvida na Universidade Federal Fluminense (UFF) e na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS).

Referências:

4 VARINE, Hugues de. L'écomusée (1978). In : DESVALLÉES, André ; DE BARRY, Marie Odile & WASSERMAN, Françoise (coord.). **Vagues**: une antologie de la Nouvelle Muséologie (vol. 1). Collection Museologia. Savigny-le-Temple : Éditions W-M.N.E.S., 1992. p.459.

5 SUAUD, Charles. Le mythe de la base. **Actes de la recherche en sciences sociales**. Vol. 52-53, juin 1984, passim.

BELLAIGUE, Mathilde. Créativité populaire et pédagogie muséale: substituts ou originaux? In: SYMPOSIUM COLLECTING TODAY FOR TOMORROW. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES**, Leinden, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 6, p. 34-35, oct. 1984.

BELLAIGUE-SCALBERT, Mathilde. Georges Henri Rivière et la genèse de l'écomusée de la Communauté Le Creusot-Montceau-les-Mines. In : RIVIÈRE, Georges Henri. **La muséologie. Textes et témoignages**. Paris: Dunod, 1989.

BELLAIGUE SCALBERT, M. Territorialité, mémoire et développement – l'Ecomusée de la Communauté Le Creusot/Montceau les Mines. **ICOFOM Study Series - ISS 2**, 1983.

BLANC, Jean. (1972) In: GERBAUD, Michel. Aux origines des écomusées : les premiers pas de Marquize. **Publics & Musées**, n.17-18, 2000, pp.177-180.

CHAUMIER, Serge. Écomusées: entre culture populaire et culture savante. **POUR**. Dossier Mémoires partagées, mémoires vivante, n.181, mar. 2004.

CLAIR, Jean. Les origines de la notion d'écomusée. **Cracap Informations**, n.2-3, p.2-4, 1976.

DEBARY, Octave. **La fin du Creusot ou L'art d'accommoder les restes**. Paris: CTHS, 2002.

Estatuto do "Ecomuseu da Comunidade Urbana do Creusot Montceau les Mines – Musée de l'Homme et de l'Industrie", 1973. (Arquivos do Ecomuseu).

ÉVRARD, Marcel. L'Écomusée de la communauté urbaine le Creusot-Montceau les Mines. **Cracap / Informations**, n.2-3, 1976.

ÉVRARD, Marcel. Le Creusot-Montceau-Les-Mines : la vie d'un écomusée, bilan d'une décennie. **Museum**, XXXII, 4, 1980.

FIORI, Ruth. **Paris déplacé**. Du XVIII siècle à nos jours. Paris : Parigramme / Compagnie Parisienne du Livre, 2011.

GORGUS, Nina. **Le magicien des vitrines**. Le muséologue Georges Henri Rivière. Paris : Éditions de la maison des sciences de l'homme, 2003.

MINOM. Mouvement International pour une Nouvelle Muséologie. **Le bulletin du MINOM**. Vol.1. N° 0. Montréal, fév., 1987.

MAIRESSE, François. **Le musée temple spectaculaire**. Paris: Presses Universitaires de Lyon, 2002.

RIVIÈRE, Georges Henri. Musées et autres collections publiques d'ethnographie. In : POIRIER, Jean (dir.). **Ethnologie générale**. Paris : Gallimard, 1968.

RIVIÈRE, Georges Henri. Rôle du musée d'art et du musée des sciences humaines et sociales. **Museum International**, vol.XXV, n.1/2, p.26-44. Paris, UNESCO, 1973.

RIVIÈRE, Georges Henri. Définition évolutive de l'écomusée. **Museum**, vol. XXXVII, no.4, 1985 (1980).

RIVIÈRE, Georges Henri. L'écomusée, un modèle évolutif (1971-1980). In : DESVALLÉES, André ; DE BARRY, Marie Odile & WASSERMAN, Françoise (coord.). **Vagues: une antologie de la Nouvelle Muséologie** (vol. 1). Collection Museologia. Savigny-le-Temple : Éditions W-M.N.E.S., 1992.

N°: 083

SUAUD, Charles. Le mythe de la base. **Actes de la recherche en sciences sociales**. Vol. 52-53, juin 1984.

VARINE, Hugues de. L'écomusée (1978). In : DESVALLÉES, André ; DE BARRY, Marie Odile & WASSERMAN, Françoise (coord.). **Vagues**: une antologie de la Nouvelle Muséologie (vol. 1). Collection Museologia. Savigny-le-Temple : Éditions W-M.N.E.S., 1992.

VARINE, Hugues de. **O Tempo Social**. Rio de Janeiro: Eça Editora, 1987.